

A VARIAÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUA FRANCESA E DE LÍNGUA PORTUGUESA

*René Gottlieb Strehler**

RESUMO: *Em função das escolhas metodológicas dos lexicógrafos, um verbete de dicionário pode variar bastante de um dicionário a outro. Na área da variação diatópica e analisando dicionários de língua francesa e de língua portuguesa se observam, no mínimo, três possibilidades para tratar a variação diatópica; ou seja, a descrição lexicográfica se baseia i) na extensão maximal da língua, ii) numa extensão geográfica limitada, o Brasil por exemplo, ou iii) numa norma abstrata que não é percebida em termos de extensão geográfica, mas em termos de base linguística compartilhada.*

PALAVRAS-CHAVES: *Lexicografia portuguesa; lexicografia francesa; variação diatópica.*

ABSTRACT: *Depending on the methodological choices made by the lexicographer, a lexical entry may vary considerably between dictionaries. Analyzing the treatment of diatopic variation comparing Portuguese and French dictionaries, one can distinguish at least three types of treatment: the description can be based i) on the maximal extension of the language, ii) on geographically limited extension of the language, Brazil, for example, or iii) on an abstract norm which is not perceived in terms of geographical extension but in terms of shared linguistic stock.*

KEYWORDS: *Portuguese-language lexicography; French-language lexicography; diatopic variation.*

Introdução

Um dicionário de língua ou um dicionário enciclopédico sempre descreve uma língua, ou se servem de uma língua para descrever a *realia*. Em termos linguísticos, é legítimo interrogar-se para saber o que é uma língua como sistema. Mesmo aceitando

* Doutorado em Sciences du Langage pela Université de Nice-Sophia Antipolis, França (2002), prof.adjunto da Universidade de Brasília, Brasil.

o ponto de vista de que a variação faz parte do sistema (Völker 2009), para o lexicógrafo, existe o desafio de estabelecer os 'bons' cortes para chegar a algo que se chama *francês* ou *português*, por exemplo.

O presente artigo visa mostrar que, segundo o dicionário analisado, seja o francês ou o português, as línguas não recobrem a mesma realidade, em função de como a variação linguística está tratada por um dado dicionário. A linguística variacional, que se situa no sistema, assim como a linguística variacionista, que se situa no discurso, devem ter a variação diatópica como base para o estudo da variação, pois a variação diacrônica, por exemplo, não se manifesta da mesma maneira nas diferentes áreas de uma dada fonia, em Portugal ou no Brasil, por exemplo. Três dicionários franceses e três de língua portuguesa servem a ilustrar a problemática da variação diatópica na prática lexicográfica.

Dicionários tratados

No intuito de apreender a diversidade do francês e do português, nós nos servimos, neste trabalho, de três dicionários franceses e de três portugueses que, na continuação, serão o objeto de uma breve apresentação. Limitamo-nos à análise das

referidas obras apenas em aspectos pertinentes à variação diatópica.

Para o francês, além do conhecido *Petit Robert*, consultamos ainda um dicionário que focaliza as peculiaridades do francês no continente africano, o *Dictionnaire Universel*, e uma obra elaborada no Québec, Canadá, o *Multidictionnaire*.

Quanto ao português recorremos ao chamado *Houaiss*, do Brasil, ao *Dicionário da língua portuguesa*, de Portugal, e ao *Grande dicionário Sacconi*, do Brasil. Estas três obras, como se verá, não adotaram a mesma perspectiva nos seus respectivos olhares sobre a língua portuguesa.

Antes de expor as seis obras, cabe ainda uma reflexão acerca das duas 'fonias', a francofonia e a lusofonia. As duas línguas em questão, francês e português, têm em comum as suas origens românicas. Assim eram faladas inicialmente apenas na Europa e, com a história colonial, viram seus territórios expandidos além do continente europeu. Testemunham desse fato o Brasil para o português e o Québec para o francês, dois países onde há uma população descendente de portugueses e franceses, respectivamente, mesmo se no Québec a população seja talvez mais homogeneamente descendentes dos franceses, que aquela do Brasil em relação aos portugueses. Diferenças na história colonial dos dois países poderiam esclarecer esses fatos e

explicar certas peculiaridades linguísticas, mas não é esse o objetivo do presente trabalho.

Quanto à África, e para as duas línguas, é delicado avaliar o peso real das línguas francesa e portuguesa. Segundo o país ou a região considerados, o estatuto de língua oficial apenas indica que a elite foi ou continua escolarizada na língua do ex-colonizador, enquanto a população não ou pouco escolarizada, no dia-a-dia, continua ignorando a língua oficial. Mas, para o francês como para o português, não se deve esquecer que há, segundo a região, falantes nativos em percentagem elevada, assim como uma literatura reconhecida bem além da África.

Já no tocante à lexicografia, cabe mencionar uma diferença importante entre a francofonia e a lusofonia. Se o francês tem uma presença plurissecular fora do continente europeu, a França continua sendo o país francófono de maior peso demográfico e econômico, ao passo que o português viu seu ponto de gravitação mudar de lugar: o Brasil é agora o país de maior peso demográfico e econômico no interior da lusofonia. Aconteceu assim, com o português, algo parecido que se observa igualmente com o espanhol ou o inglês; os países onde apareceram as referidas línguas deixaram de ter a seu favor o peso demográfico e econômico. Talvez seja esse fato que explica porque um termo como 'policentrismo' se aplica mais facilmente a línguas como o inglês, espanhol ou português que ao francês.

O objetivo dessas observações é ilustrar em que contexto se inserem as obras lexicográficas que serão agora brevemente apresentadas, passando dos dicionários franceses aos dicionários portugueses.

1.O *Nouveau Petit Robert* (PR)

O PR é um dicionário de língua que tem uma nomenclatura de aproximadamente 60.000 entradas. Cada ano é publicado uma nova edição; mas as linhas gerais que orientam o trabalho lexicográfico continuam sendo aquelas expostas no *Préface du Nouveau Petit Robert*, escrita em 1993 por Josette Rey-Debove e Alain Rey. A edição eletrônica de 2014, que serviu de base ao presente trabalho, fornece, além do *Préface* já citado, uma *Postface* (com data de 2006) e outros documentos que possam ser úteis para avaliar o dicionário em questão.

O posicionamento do PR face à variação diatópica aparece essencialmente na passagem intitulada "Variétés du français" (Préface XV – XVI). Numa perspectiva descritiva, o PR visa constatar a existência de múltiplas variações e recusa sancionar uma norma única e rigorosa. A marca RÉGIONAL (regional ou regionalismo) serve para marcar lexemas ou acepções consideradas regionais. Normalmente a marca RÉGIONAL se vê completada por uma indicação da extensão geográfica do emprego marcado. É a esse propósito que se nota a peculiaridade do PR: Marcas como *RÉGIONAL (Afrique noire)*, *RÉGIONAL*
Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.229 -263.

(*Suisse*) ou *RÉGIONAL (Canada)* mostram que o regionalismo é definido em função do uso linguístico da França, pois não há uma marca *RÉGIONAL (France)*, mas marcas que atestam como regionalismos apenas empregos regionais no interior da França. Cabe ainda mencionar que o PR estabelece uma distinção entre 'regionalismos' e 'termos institucionais', às vezes chamadas estatalismos, que são introduzidos por menções como "Au Québec", "En Suisse", etc. O PR resume sua posição, quanto à variação diatópica, da maneira seguinte:

Le Nouveau Petit Robert, bien qu'il décrive fondamentalement une norme française de France, inclut certains régionalismes, de France et d'ailleurs, pour souligner qu'il existe plusieurs « bons usages », définis non par un décret venu de Paris, mais par autant de réglages spontanés ou de décisions collectives qu'il existe de communautés vivants leur identité en français. C'est pourquoi les helvétismes ont été choisis par des Suisses, les belgicisms par des Belges, les québécois par des Québécois, et ainsi pour chaque section de vocabulaire. (Préface 1993:XV).

Acrescentamos apenas que, nessa perspectiva, não existem 'francismes', regionalismos típicos do francês da França.

2 O *Dictionnaire Universel (DU)*

Na página II da parte pré-dicionarística leia-se que "*Le Dictionnaire Universel* a été réalisé, pour les mots de la langue d'Afrique, à partir des bases linguistiques de l'AUPELF-UREF dont *l'Inventaire des particularités lexicales du français en Afrique* dû à l'Équipe IFA [...]"; ou seja, o dicionário

enciclopédico em questão é o fruto de uma colaboração acadêmica internacional, sob a direção do linguista francês Bernard Cerquiligni. Serviu, para o presente trabalho, a quinta edição de 2005 publicada pela editora Hachette, Paris. O DU tem uma nomenclatura de 43.000 palavras comuns e de 14.000 palavras próprias. Ou seja, ele é menor que o PR, mas elaborado em acordo com o público visado que é o estudante africano. Em conformidade com os objetivos enunciados no prefácio, o dicionário concede mais espaço ao continente africano do que se observa de costume; isso aparece de maneira bastante clara no atlas que se encontra na parte pós-dicionarística. Nesse atlas, cada país africano é apresentado com um mapa, ilustrações e desenvolvimentos enciclopédicos em volta de geografia física, humana, da cultura, etc.

Segundo a capa e o prefácio, "seis mil definições testemunham da variedade do francês falado na África [...]" (p. III). Essa observação permite suspeitar que não se trata de um dicionário do francês africano, mas de uma obra que reserva um espaço conseqüente a essa variedade; fato que se vê confirmado no guia de utilização (Mode d'emploi p. IV) onde, a propósito do conteúdo dos verbetes, se lê: "quando uma palavra ou uma acepção são específicas a uma área francófona, uma marca geográfica é empregada: ex. (Afrique)".

É interessante notar que o DU faz a distinção entre "Marcas de uso" e "Marcas geográficas". Entre essas primeiras o dicionário inventaria '*Rég.*' por 'regional', que é, segundo a obra, uma "forma entendida ou empregada numa região específica da Franca. [...]". O DU menciona quatro marcas geográficas:

(Afrique): forme ou sens propre à un ou plusieurs pays francophones d'Afrique subsaharienne.

(Belgique): forme ou sens propre à une ou plusieurs régions francophones de Belgique.

(Canada): forme ou sens propre à une ou plusieurs régions francophones du Canada.

(Suisse): forme ou sens propre à la Suisse romande.

(DU: XI)

Nessa perspectiva, para o DU, um regionalismo no interior da Suíça ou de um único país africano não deve forçosamente aparecer na referida obra. Já no caso da Bélgica e do Canadá é previsto tratar lexemas que possam ter uma extensão territorial limitada mesmo no interior dos dois países. A consulta dos verbetes '*huitante*' e '*septante*' mostra que a prática lexicográfica não é sempre tão rígida:

huitante [...] adj. num. card. *Rég.* (Suisse) Quatre-vingts.
(DU 2008:613)

septante [...] adj. num. cardinal (et n.) (Suisse, Belgique) Soixante-dix. (Se dit aussi au Burundi, au Rwanda et dans la rép. dém. du Congo.)
(DU 2008:1146)

Para '*huitante*' vale lembrar que se trata de um regionalismo mesmo para a Suíça francófona, pois seu uso não é

generalizado no território considerado, onde, segundo a região, se prefere à variante 'quatre-vingts' do francês considerado estandarte. Já 'septante' corresponde a uma norma regional plenamente aceita no interior da Suíça romanda e da Bélgica. A marca (*Suisse, Belgique*) mostra, portanto, que o francês descrito continua sendo o 'français standard' percebido pelos lexicógrafos como supranacional. Quanto à observação a propósito do uso africano, ela ilustra que uma descrição pormenorizada das peculiaridades linguísticas deve considerar igualmente fatores históricos. No exemplo em questão até é legítimo perguntar-se quais peculiaridades de Burundi, Ruanda ou República democrática do Congo são realmente africanismos típicos desses países, ou apenas uma herança linguística do antigo colonizador. Lembramos a esse propósito que os três países citados eram colônias da Bélgica e não da França, como os demais países da África francófona.

3 O *Multidictionnaire de la langue française* (MDLF)

Com o MDLF estamos diante de um dicionário inteiramente elaborado no Canadá, mais precisamente, na província do Québec. A primeira edição data de 1988 e a autora, Marie-Éva de Villers, lhe atribuiu o nome *Multidictionnaire des difficultés de la langue française* (negrito nosso). Com a terceira edição, foi adotado o nome atual que desiste referir-se de maneira

Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.229 -263.

explicita às 'dificuldades' da língua francesa. No entanto, a obra guarda o espírito do '*bon usage*' de Vaugelas (1585-1650) e de Grevisse (1895-1980) inserindo na nomenclatura tabelas e quadros para informar as conjugações e as regras de concordâncias de *tout*, entre outros. O dicionário recorre igualmente a um signo gráfico, o asterisco, para marcar na nomenclatura ou no interior de um verbete uma forma considerada errada (forme *fautive*), por exemplo "**ACTOFGOD*", ou em *ALIGNEMENT*, "**alignement (des roues)*". Anglicisme au sens de *parallélisme (des roues)*."

A primeira edição do MDLF teve uma nomenclatura de 25.000 palavras, essa foi enriquecida e hoje chega a cerca de 30.000. A última edição em papel data de 2009 e, para o presente trabalho, serviu uma reimpressão de 2008 que se baseia na quarta edição de 2003.

Segundo o prefácio do linguista Jean-Claude Corbeil, o MDLF não é um dicionário de língua, nem um dicionário enciclopédico, mas um "dicionário pragmático" que responde às necessidades de quem trabalha com a língua francesa. O prefácio de Corbeil, assim como a introdução da autora, concordam em que o dicionário deve descrever o *français standard* (prefácio 2008:XII), ou seja, o "francês de todos os francófonos" (Introdução 2008:XIII); mas a introdução completa a citação com "assim como o bom uso quebequense". A noção de *quebecismo*

se vê examinada na página XV da introdução, assim o consulente aprende que cada palavra ou acepção típicas do francês do Québec estão precedidas de um símbolo, a flor-de-lis, salvo os quebecismos que já se internacionalizaram, como, por exemplo, *courriel* (e-mail) ou *logiciel* (software). Dessa maneira o MDLF dispõe de um recurso para descrever o francês standard assumindo paralelamente a integração do francês standard do Québec.

À primeira vista é possível postular que o PR e o MDLF descrevem o francês standard enriquecido de regionalismos, sendo esses últimos, para o MDLF, apenas do Canadá. Essa afirmação se averigua até certo ponto, mas a descrição lexicográfica dos signos linguísticos não está influenciada apenas por recortes geográficos. Assim a palavra *policeman* é uma 'forma errada' no MDLF, onde se lê "Anglicisme pour *policier*" (p. 1135; grifo do MDLF); enquanto no PR a mesma palavra provem do inglês, ou seja, não é mais considerado como anglicismo, e é definido como "Agent de police, en Grande-Bretagne et dans les pays britanniques".

4 O Dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss)

Com o *Houaiss* (de Antônio Houaiss, 1915-1999) estamos diante de um dicionário que explica de maneira clara e detalhada suas bases teóricas e seu funcionamento: O prefácio, a

apresentação, e a chave do dicionário vão, nas suas explicações, além do que se encontra na maioria dos dicionários. Para o presente trabalho utilizamos a edição em papel de 2001 e o CD-ROM de 2009 que contêm igualmente as partes pré-, e pós-dicionarísticas da edição de 2001. Pequenas diferenças entre a versão eletrônica e a versão papel existem, mas a versão eletrônica permite escolher entre um "modo interativo" e um "modo tradicional", sendo esse último bastante parecido com a apresentação adotada pela versão em papel.

O prefácio, ainda escrito por Antônio Houaiss, circunscreve a problemática da variação diatópica da maneira seguinte:

Face à diversificação regional da lusofonia, do mesmo modo que reconhecemos a nossa regionalização – a de dentro do Brasil, com seus focos diferenciadores (amazônico, nordestino, sertanejo, gaúcho e outros mais), postulando, no entanto, certa tendência unificadora – também preconizamos um português lusofônico, buscando evidenciar a compatibilização possível entre a norma culta do Brasil com a de Portugal e as emergentes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – os chamados PALOPs. (Prefácio p. XIV)

Se é possível conceitualizar uma francofonia e uma lusofonia, é igualmente possível notar que as respectivas 'fonias' não são vistas da mesma maneira pelo Houaiss e pelo PR, por exemplo. Quando o PR percebe um *français standard* que não impede a existência de vários "bons usages", o Houaiss parece mais preocupado em evidenciar a "compatibilização possível entre a

norma culta do Brasil com a de Portugal". Nesses termos, o Houaiss é um dicionário de língua que apresenta um português supranacional, no interior do qual um uso específico do Brasil, de Portugal ou de qualquer outro país lusófono é um regionalismo. Testemunham desse fato os verbetes *banheira* e *banheiro* (o negrito das marcas diatópicas é nosso):

banheiras.f.(1831)**1A**parelho sanitário em forma de uma cuba grande, no qual a pessoa lava o corpo ou se deixa lavar **2p.ana.B**infrm. joc. automóvel ou similar de grande tamanho e ger. antigo **3FOT** bacia de aço inoxidável ou de plástico na qual são banhados os filmes nos processos de revelação, fixação etc. **4FUTB**Binfrm. m.q. **IMPEDIMENTO**⊙ ETIM fem. substv. *debanheiro*.

banheiros.m.(1871)**1B** local público ou privado, equipado com vaso sanitário; toailete, sanitário **2B** cômodo da casa onde se acham instalados a banheira e/ou o chuveiro, vaso sanitário, pia e, às vezes, bidê **3p.met.B** vaso sanitário, latrina **4P** salva-vidas ('nadador') ⊙ ETIM¹*banho* + *-eiro*⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *latrina*.

Sem entrar na problemática do cúmulo de marcas de uso (também chamadas *rubricas*), nota-se que as acepções 1 e 3 de *banheira* não receberam nenhuma marca diatópica, portanto elas fazem parte de um português supranacional. Já as acepções 2 e 4 de *banheira* e as acepções 1 a 3 de *banheiro* receberam a marca "B" para informar aos consulentes que se trata de um regionalismo do Brasil, enquanto a quarta acepção de *banheiro* é um regionalismo de Portugal, conforme o "P" informado. Decorre desse fato que o nível de descrição linguisticamente não marcado se nomeia aqui 'português supranacional', enquanto na **Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.229 -263.**

lexicografia francesa frequentemente o uso típico da França se confunde com o francês standard (seja dito entre parênteses, a palavra *francisme* não tem muito sucesso fora da lexicografia diferencial).

Em contraste com as obras francesas, nota-se que a técnica lexicográfica do Houaiss, na teoria, não privilegia *um* português, o do Brasil ou o de Portugal, por exemplo. Na praxe é legítimo perguntar se uma equipe de lexicógrafos realmente dispõe dos meios econômicos e logísticos para proceder a uma descrição do léxico pormenorizado tanto para o Brasil como para Portugal, para citar apenas esses dois países. No caso do Houaiss, como no caso de outros dicionários, a escolha dos corpora (quando mencionados) fornece índices a propósito da diferenciação geográfica: quando se menciona, por exemplo, o recurso a um corpus auxiliar para tal ou tal país ou região, sabe-se que a descrição lexicográfica de tal ou tal país não atinge o mesmo grau de precisão.

5 O Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa (GDS)

O GDS, de Luiz Antonio Sacconi, foi publicado em 2010 e a versão papel incluiu igualmente um CD-ROM com o dicionário eletrônico. A obra tem uma nomenclatura de 200.000 verbetes distribuídos em 2.088 páginas. Na ocasião do seu lançamento insistiu-se antes de tudo sobre o fato de o GDS ser "o mais

atualizado" (capa do GDS). A apresentação, e outras partes pré-dicionarísticas, insistem sobre essa abertura ao vocabulário contemporâneo e sobre seus aspectos didáticos e enciclopédicos. Testemunham, por exemplo, deste último aspecto a presença de verbetes consagrados a estados e personalidades, como "Acre" (p. 53) ou "Schmidt, Augusto Frederico" (p. 1833), mas não Albert Schweitzer (sic.), apesar da citação em epígrafe desse médico humanista alsaciano.

A posição do dicionário a propósito da variação diatópica (e diacrônica) aparece na citação seguinte:

Convém salientar e deixar bem claro que o dicionário contempla o português contemporâneo do **Brasil**, daí porque não agasalha termos arcaicos ou obsoletos, nem muito menos palavras de outros países de língua portuguesa. (GDS 2010:8, negrito do dicionário)

Os pontos 15 e 16 das "Observações gerais" reforçam ainda essa escolha metodológica ao afirmar que

15. Englobamos como termos da fala popular (*Pop.*) todos os termos que, a rigor, pertencem à fala informal ou à fala familiar, assim como todos os brasileirismos.

16. Para todos os efeitos, foi levada em conta apenas a pronúncia brasileira de certas palavras [...] (GDS 2010:13)

Conseqüentemente, e contrariamente ao Houaiss, a lista de abreviaturas (p. 16) menciona apenas siglas que correspondem a subdivisões do Brasil (GO por Goiás, por exemplo), mas não siglas que possam indicar regiões de Portugal. Na prática

lexicográfica, o posicionamento metodológico do GDS implica, em comparação com o Houaiss, uma marcação diferente da variação diatópica. Assim o GDS, que trata apenas as acepções 1 e 4 do verbete "banheira" do Houaiss, não recorre a nenhuma marca diatópica no seu verbete correspondente. Uma observação similar se impõe a propósito de "banheiro". A quarta acepção do verbete no Houaiss representa um lusismo que não está dicionarizado no GDS; já o significado brasileiro de *local/cômodo* corresponde ao nível linguístico não marcado no GDS, pois nessa obra o português descrito é aquele do Brasil.

1.6 O Dicionário da Língua Portuguesa (DLP)

Em termos de volume, o DLP é o menor dicionário de português aqui tratado, a contracapa menciona 265.000 definições e essas são apresentadas em cerca de 1.700 páginas. O dicionário provém da Porto Editora e é anualmente reeditado. O presente trabalho se baseia na edição de 2013. Contrariamente aos outros dicionários já citados, a presente obra reveste certo caráter anônimo, mas a parte pré-dicionarística menciona uma lista dos 46 principais colaboradores, além disso trata-se de um dicionário de língua. A obra é bastante econômica em explicar o embasamento teórico que determina a característica da obra. No entanto, na "Nota da Editora" leia-se:

Esta obra apresenta as alterações introduzidas pelo Acordo Ortográfico de 1990, considerando **exclusivamente a variedade europeia do português** [...]. (DLP 2013:7, **negrito** nosso)

O "Guia de Utilização" parece indicar que, ao lado do português europeu, há certo espaço para palavras ou acepções de países não europeus. A propósito do verbete "**facholar**[o] *v.tr.* [Moçambique] cavar [...]" o Guia menciona que "*A área geográfica onde a palavra é utilizada é apresentada antes da definição*" (p. 10). Além desses fatos, o DLP não se pronuncia sobre seu posicionamento a propósito da variação diatópica, na "Lista de Abreviaturas" (p. 13) há certas siglas que possam servir para tratar a variação diatópica, por exemplo "*dial.* dialeto; dialetal". Recorremos de novo aos verbetes "banheira" e "banheiro" para elucidar o funcionamento do DLP a respeito da variação aqui examinada:

banheira*n.f.* 1 tina de louça, mármore ou esmalte, geralmente de forma oblonga, própria para tomar banho de imersão ou duche 2 [coloq., joc.] automóvel grande geralmente antigo (Do lat. vulg. **baneari*□*a*, por *balneari*□*a*« banhos; casa de banhos »)

banheiro*n.m.* 1 responsável por uma praia 2 salva-vidas que dá assistência aos banhistas 3 dono de um estabelecimento balnear 4 indivíduo que prepara o banho ou acompanha os banhistas no banho 5 (tina) ⇒ **banheira** 1 6 [Brasil] casa de banho (De *banho* + *-eiro*)

Em comparação com o Houaiss nota-se correspondência semântica entre as acepções 1 e 2; essa última acepção recebe uma avaliação pragmática similar (*jocosos* e *informal/coloquial*). No entanto, a marcação diatópica, *B*, do Houaiss provoca uma

Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.229 -263.

dúvida. Se o Houaiss descreve um português supranacional e o DLP um português europeu, existem três possibilidades para interpretar essa divergência. A primeira é que o Houaiss não dispõe de um corpus adequado para descrever o português europeu, a segunda é que, em poucos anos, a acepção "banheira = automóvel" se respaldou igualmente em Portugal e terceira implicaria que o corpus do DLP não seja estabelecido com textos exclusivamente da Europa.

Já a terceira acepção do Houaiss se refere a uma área específica, a fotografia, e visto o tamanho do DLP é metodologicamente correto que ele não trate a referida acepção. A quarta acepção do Houaiss igualmente está ausente no verbete "banheira" do DLP; no caso preciso, isso deve estar ligado ao fato de que se trata de um 'regionalismo brasileiro', a princípio não tratado pelo DLP.

Quanto ao contraste dos verbetes "banheiro", ele mostra as implicações lexicográficas da escolha de descrever um português supranacional ou um português europeu. De fato, a acepção "banheiro = salva-vidas" recebe uma marca diatópica, *P* (= Portugal), no Houaiss e nenhuma no DLP que descreve o português europeu. Além disso, apenas o número de acepções específicos de Portugal ou do Brasil já mostra que o Houaiss, mesmo descrevendo um português supranacional, está mais em sintonia com a variante brasileira, enquanto o DLP tem maior

riqueza descritiva na variante europeia. A sexta acepção do DLP é interessante a esse propósito, ela absorbe, no mínimo, as acepções 1 e 2 do Houaiss, além de mostrar que o DLP tem certa abertura a regionalismos de outros países. Supomos que a ausência no DLP do brasileirismo da acepção 4 de "banheira" do Houaiss e a presença no DLP dos brasileirismos das acepções 1 e 2 do verbete "banheiro-Houaiss" se explica com critérios de frequência e de discurso especializado; ou seja, o brasileirismo da língua comum consegue entrar no DLP, mas o brasileirismo que ainda faz parte de uma terminologia específica não será tratado pelo DLP.

A prática lexicográfica

A parte "Dicionários tratados" mostra que os vários dicionários de língua portuguesa e francesa não fizeram as mesmas escolhas metodológicas a respeito da área linguística descrita. O Houaiss descreve o português na sua extensão máxima e o PR recorre à noção "français standard" como quadro descritivo, fato que não constitui uma circunscrição topográfica precisa. Já o GDS baseia sua descrição lexicográfica sobre o uso exclusivo do português no Brasil. Essas escolhas, a princípio, devem refletir-se na marcação diatópica de palavras e acepções nos verbetes dos dicionários. Antes de verificar essa afirmação, é útil consultar como os dicionários definem *regionalismo*. Seguem apenas as respectivas definições pertinentes no plano

Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 24 –2016, p.229 -263.

linguístico. Mencionamos ainda a curiosidade que o verbete "régionalisme" do MDLF contém apenas a acepção aqui apresentada.

régionalisme:

Un, des régionalismes. Fait de langue propre à une région. Régionalisme de France (-francisme), de Suisse (-helvétisme), de Belgique (-belgicisme;flandricisme,wallonisme), du Luxembourg (-luxembourgisme), du Canada (-canadianisme;acadianisme,québécoisme), d'Afrique (-africanisme;sénégalisme), des Antilles (-antillanisme).
(PR 2014)

Locution, mot, tour propre à une région. (DU 2008:1065)

Expression, mot propre à une région, à un pays. *Les mots babillard et cégep sont des régionalismes québécois, des québécoismes.*
(MDLF 2008:1256)

regionalismo:

Palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua. (Houaiss 2009)

Fato linguístico peculiar a uma região: *o termo cachara é um regionalismo mato-grossense.* (GDS 2010)

Vocábulo ou expressão regional; provincialismo.(DLP 2013)

As definições do PR e do GDS são as duas únicas que permitem avistar a variação linguística além da unidade lexical e da sintaxe, pois falam em "fait de langue" ou "fato linguístico", o que permite pensar igualmente em regionalismos fonológicos. No entanto, a área aqui pertinente é mesmo o léxico/vocabulário.

De maneira mais ou menos explícita, cada dicionário apresenta, em termos de Houaiss, o *regionalismo* como uma relação ao "território onde se fala a língua". Essa percepção, em critérios linguísticos, é correta, mas mereceria ser sintonizada com as escolhas metodológicas das várias obras. De fato, se um dicionário descreve o português do Brasil ou de Portugal, um emprego típico do Brasil ou de Portugal não aparece como regionalismo nos verbetes do respectivo dicionário, mesmo se em termos linguísticos, ou em acordo com as definições, se trata de regionalismos.

O MDLF e o GDS dão exemplos concretos de regionalismos, ambas as obras recorrem a unidades lexicais em acordo com os objetivos maiores das duas obras. O MDLF visa valorizar a parte quebequense da língua francesa e, conseqüentemente, ilustra o conceito em questão com duas palavras típicas do Québec (e não da Bélgica, por exemplo); já o GDS descreve o português do Brasil, portanto um regionalismo de Mato Grosso serve para exemplificar o conceito definido, e seria um contrassenso recorrer a uma palavra considerada um regionalismo mesmo no uso de Portugal ou, na perspectiva do Houaiss, a um emprego típico do Brasil, pois esse último não é um regionalismo no GDS.

O PR não dá exemplos concretos de regionalismos, mas no seu sistema de remissivas remete a regionalismos específicos;

entre esses a obra menciona o *francismo* que na mesma obra passa despercebido ao consulente, pois o PR não prevê o emprego de uma marca diatópica específica para um fato linguístico típico do francês da França. Em contraste com o MDLF, é interessante constatar que o PR subcategoriza os regionalismos do Canadá em *acadianismose quebecismos*, enquanto o MDLF, oriundo do Quebec, apenas menciona os últimos.

Nesse contexto cabe agora examinar a prática dos dicionários em relação à variação diatópica; ou seja, devemos averiguar como as diferentes escolhas lexicográficas se manifestam nos verbetes das obras em questão. Os verbetes foram escolhidos em função da diversidade linguística representada pelos dicionários, já sua reprodução se limita, na presente passagem, aos aspectos essenciais para a análise.

bleuet:

I.Centaurée à fleur bleue, commune dans les blés.**II.**RÉGIONAL (Canada)Baie bleue de l'airielle des bois, ou myrtille d'Amérique.
(PR)

1. Centaurée bleue des pays tempérés, poussant dans les champs de céréales.**2.** (Canada) Petit arbrisseau [...] qui produit des baies bleues ou noirâtres, comestibles. (DU 2008:151)

1.Fleur bleue.**2.**♣Petit arbuste ligneux qui pousse en Amérique du Nord et dont les baies bleues ou noires sont appréciées.**3.**♣ Baie comestible bleue ou noire. (MDLF 2008:188)

A junção entre os três artigos se faz pelo intermediário da primeira acepção. Assim, para as outras acepções, "flor azul/centáurea" é o ponto de partida. No entanto, nota-se que o DU precisa na sua primeira definição que se trata de centáureas "de países temperados", observação inútil se o dicionário se dirigisse apenas a francófonos da Europa. A acepção II do PR e a acepção 2 do DU correspondem às acepções 2 e 3 do MDLF. O PR e o DU marcam essas acepções como sendo regionalismos do Canadá, enquanto o MDLF faz preceder essas duas acepções da flor-de-lis (aqui ♣) que se encontra igualmente na bandeira da província do Québec; ou seja, na perspectiva do referido dicionário trata-se de regionalismos aceitáveis na norma do francês do Québec. É igualmente interessante notar que a pormenorização das acepções regionais é mais pertinente para os quebequenses que para os europeus ou os africanos. O PR vê a fruta que provem do vegetal, o DU vê o vegetal que produz a fruta, enquanto o MDLF institui duas acepções, a segunda do verbete para o vegetal e a terceira para a fruta.

essencerie:

RÉGIONAL (Afrique noire) Station-service. (PR)
(Afrique) Station d'essence (DU 2008:458)

Diz-se que a palavra "essencerie" é uma criação do poeta, e antigo presidente do Senegal, L. S. Senghor (1906-2001). Seja como for, o fato é que *essencerie* insere num paradigma já

existente formado por *boulangerie*, *épicerie*, *cimenterie* e muitas outras ocorrências. A palavra fez seu caminho e faz, hoje em dia, parte do francês da África. Nessa qualidade figura no PR como regionalismo da África, mas está completamente ausente no MDLF, pois essa obra não tem por objetivo descrever os regionalismos que não provêm do Québec. O verbete do PR mostra ainda que, nessa obra, os regionalismos que possam ser relacionados com um equivalente em 'français standard' (*station-service*) frequentemente não são objeto de uma definição substancial.

tabac:

1. Plante (*solanacées*) originaire d'Amérique [...]2. Produit manufacturé, vendu sous diverses formes, fait de feuilles de tabac séchées [...]3. Bureau de tabac. (PR)

1. Plante dont les feuilles peuvent être fumées.2. Produit obtenu avec les feuilles du tabac.3. Magasin où l'on vend cigarettes et journaux. SYN. débit de tabac ;♣ tabagie.(MDLF 2008:1407)

Escolhemos a palavra *tabac* por causa do francismo da acepção 3 do PR. De fato, na França a venda de produtos derivados do tabaco está submissa ao monopólio do Estado. O gerente de um "bureau de tabac" precisa, portanto, de uma licença específica para exercer seu comércio. Assim, a acepção 3 do PR não corresponde exatamente à acepção 3 do MDLF, pois no Canadá o referido comércio não está organizado da mesma maneira, sem falar que o quebecismo, no sentido de "bureau de

tabac", *tabagie* é mais usual no referido país e ignorado na França. Já o DU não trata a terceira acepção do PR, sem dúvida por se tratar de uma realidade linguística pouco pertinente na África. Além disso, o tratamento dado à terceira acepção pelo PR ilustra as implicações práticas das escolhas metodológicas do referido dicionário: com a acepção em questão há dois níveis de descrição que se confundem. De um lado o nível linguisticamente não marcado corresponde ao *français standard*, do outro, no PR as especificidades do francês da França se confundem com esse nível não marcado. O resultado prático desse fato é que o consulente do PR, em tese, não pode saber se uma acepção pertence ao *français standard*, como a acepção 2 do exemplo, ou se o significado apresentado corresponde a uma peculiaridade linguística da França, como "tabac = bureau de tabac".

Passa-se agora ao exame de alguns verbetes de dicionários de língua portuguesa para ver como a variação diatópica é tratada nas obras selecionadas.

caçula:

*B*diz-se de ou o mais novo dos filhos ou irmãos; caçulo
(Houaiss 2009)

Que ou pessoa que é a mais nova dos filhos ou dos irmãos.
(GDS 2010)

1 [Brasil] filho ou filha mais novo/a 2 [Brasil] irmão ou irmã mais novo/a. (DLP 2013)

Os verbetes *caçula* dos três dicionários de língua portuguesa representam o esperado quanto às escolhas metodológicas respectivas. Na nossa perspectiva não é pertinente que os dicionários brasileiros isolaram apenas uma acepção, que recobrem as duas do DLP. Importa notar que *caçula* é um regionalismo para o Houaiss e para o DLP. Os motivos para esse fato não são exatamente os mesmos, o Houaiss descreve o português na sua extensão máxima; sendo assim, uma acepção usual apenas no Brasil corresponde a um regionalismo. Para o DLP, a descrição do léxico se faz em relação ao português europeu, no qual a referida unidade lexical é pouco empregada, mas conhecida como brasileirismo. Para o GDS *caçula* não pode ser um regionalismo, pois o dicionário descreve a variedade brasileira do português. No caso do GDS, o consulente deveria saber que o nível linguístico não marcado confunde os brasileirismos e o português supranacional.

Em certos casos, quando se trata de campos semânticos, a prudência impõe examinar mais de uma unidade lexical. É o caso com as unidades *chácara*, *quintal* e *sítio*, por exemplo. Para um estudo orientado por critérios semânticos, seria ainda necessário acrescentar *fazenda*, mas para considerar problemas lexicográficos, as três unidades são suficientes.

chácara:

B1 propriedade rural voltada para a avicultura, a pequena criação de animais, o plantio de frutas, legumes etc.**2** pequena propriedade campestre, freq. destinada ao lazer; casa de campo**3** grande propriedade urbana, com habitação e área verde[...]

(Houaiss 2009)

1. Pequena propriedade rural, menor que o sítio, geralmente perto da cidade, com área para jardim, horta, pomar e criação domésticos [...]**2.** Casa de campo [...]

(GDS 2010)

1 [Brasil] quinta**2** [Brasil] habitação campestre, perto da cidade**3** [Brasil] pequena propriedade rural com casa de habitação.

(DLP 2013:339)

quinta:

1 propriedade rural, com moradia**2** terreno próprio para agricultura

(Houaiss 2009)

1. Pequena propriedade rural em Portugal, equivalente à nossa *chácara*.

(GDS 2010)

1 propriedade rústica, cercada ou não de árvores, com terra de semeadura e, geralmente, casa de habitação**2** [Brasil] fazenda**3** casa de campo**4**[Açores] terreno limitado por renques de árvores, de forma quadrangular e dentro de propriedades maiores, destinado à cultura de árvores de fruto.

(DLP 2013:1327)

sítio:

5B pequena propriedade agrícola; fazendola, chácara**6B**chácara nas redondezas de uma cidade**7B**trato de terra cedido ou arrendado a moradores ou lavradores de engenho de açúcar, mediante partilha dos frutos ou prestação de serviços.

(Houaiss 2009)

1 Propriedade rural para o cultivo de pequena lavoura, maior que a chácara e menor que a fazenda(GDS 2010)

3 [Brasil] pequena fazenda nos arredores de uma grande cidade.
(DLP 2013:1475)

As três unidades lexicais são significativas para ilustrar os respectivos procedimentos lexicográficos diante da variação diatópica, mas elas mostram igualmente os limites de uma descrição pormenorizada do léxico transnacional ou transatlântico.

Em relação às técnicas lexicográficas, há uma concordância nítida entre os três dicionários para considerar *chácara* um brasileirismo. Se o Houaiss coloca uma marca de uso antes da primeira acepção de um verbete, essa se aplica a todas as acepções do verbete. Já no caso do verbete *sítio* há apenas acepções que não são brasileirismos, portanto as acepções 5, 6 e 7 recebem a marca "B" para brasileirismo. O DLP, do seu lado, opta para marcar a variação diatópica individualmente em cada acepção, se for necessário. No caso de *chácara* o resultado é o mesmo que aquele observado no Houaiss, mas com a nuance de que o DLP descreve um português europeu. A ausência de marca diatópica no verbete correspondente do GDS mostra, ainda uma vez, a importância de conhecer as opções teóricas sobre as quais um dicionário se baseia; de fato, o usuário do GDS está impossibilitado de saber se *chácara* faz parte apenas do português do Brasil ou também de um português supranacional.

Ao menos em relação às acepções aqui apresentadas nos verbetes *sítio*, observa-se um funcionamento lexicográfico

parecido com *chácara*, todavia, se o Houaiss e o DLP mantêm em *chácara* certa correspondência entre acepções, em *sítio* a terceira acepção do DLP parece corresponder às acepções 5, 6 e 7 do Houaiss.

Os verbetes correspondendo a *quinta* mostram que a descrição lexicográfica nem sempre se deixa harmonizar entre as três obras. No caso do Houaiss as acepções que dizem respeito a uma propriedade rural pertencem a um português supranacional, pois não há nenhuma marca diatópica. O GDS discorda parcialmente dessa visão ao dar uma definição que não classifica *quinta* como uma unidade lexical do português europeu, mas como um signo linguístico designando uma realidade de Portugal. O GDS reforça ainda sua visão dando *chácara* como equivalente brasileiro.

O DLP contradiz, ao menos em parte, o Houaiss e o GDS ao associar *quinta* do uso brasileiro com a unidade lexical *fazenda*. Além disso, a quarta acepção do DLP mostra que o referido dicionário está aberto a regionalismos em relação mesmo ao português europeu. Em outras palavras, podemos supor que o Houaiss pormenoriza mais o uso brasileiro e o DLP mais o uso europeu, mesmo que o Houaiss tenha certa abertura a regionalismos europeus.

Considerações Finais

O exame dos dicionários de língua francesa e portuguesa mostra três práticas lexicográficas. A primeira consiste em descrever a língua na sua extensão máxima, tal como se observa no Houaiss; depois descrever a língua em relação a uma divisão geográfica específica, o Brasil para o GDS, Portugal para o DLP. A terceira solução se encontra nas obras francesas aqui examinadas, ela estipula a existência de uma norma supranacional, para o francês o *français standard*. Baseado nessa norma, um dicionário pode, depois, reforçar certos aspectos diatópicos. O DU valoriza os africanismos, o MDLF as particularidades do Québec e o PR descreve primordialmente o francês da França.

As várias opções lexicográficas aqui apresentadas têm suas vantagens e inconvenientes. A descrição supranacional do português, tal como praticada no Houaiss, atinge seus limites na descrição pormenorizada de cada área linguística fazendo parte da lusofonia; ou seja, será que a equipe lexicográfica dispõe de corpora detalhados para o português de Angola, do Brasil, de Portugal...?

Uma solução satisfatória para muitos usuários é a descrição da língua praticada num único país. É o que se observa com o GDS e o DLP. Para a grande maioria dos usuários não é um problema saber se uma dada unidade lexical é um "regionalismo" do país em questão, ou se a unidade pertence à

variedade supranacional. Essa solução tem mais sucesso no universo lusófono que na francofonia. A razão desse fato deve ser que, no interior da lusofonia, certo policentrismo já está estabelecido, fala-se facilmente em "norma culta brasileira" e "norma culta portuguesa". Para a língua francesa essa visão ainda não é usual; lembramos que o *Dictionnaire québécois d'aujourd'hui* (Boulangier 1992; Strehler 1997), que descreve o francês baseado na norma culta do Québec, não foi socialmente aceito pelos canadenses. Além desse fator cultural, há ainda considerações econômicas que tornam difícil a países africanos ou mesmo à Bélgica ou à Suíça elaborar um dicionário de língua que descreva o francês baseado no uso nacional respectivo. Essa dificuldade se vê em parte superada com a chamada lexicografia diferencial que apenas descreve em que o francês da Suíça, por exemplo, difere do *français standard* da França (Strehler 2013:57-80). Na lexicografia geral do francês prevalece ainda o *français standard*, tal como se nota ao consultar obras como o PR ou em dicionários da editora Larousse.

Para o usuário comum, na maioria das consultas, as escolhas lexicográficas aqui expostas não têm muita importância. No entanto, elas não devem ser negligenciadas; um brasileiro consultando apenas um dicionário de Portugal (ou vice-versa) vai notar que a variação diatópica toca bastante palavras do dia-a-dia, um belga ou um suíço pode sentir insuficiência em certas

definições dos dicionários da França. ou seja, o consulente deve saber que tipo de dicionário ele manuseia.

REFERÊNCIAS

Sites:

<http://atilf.atilf.fr/tlf.htm> (*Trésor de la langue française informatisé*)

<http://www.bdlp.org/> (*Base de données lexicographiques panfrancophone*)

Dicionários:

ANÓNIMO. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2013. (Nova ortografia)

BOULANGER, Jean-Claude. *Dictionnaire québécois d'aujourd'hui*. Montréal: DicoRobert, 1992.

CERQUIGLINI, Bernard (Direction). *Dictionnaire universel*. Paris: Hachette-Livre/AUPELF-UREF, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio: Objetiva, Versão eletrônica, 2009.

THIBAUT, André & KNECHT, Pierre. *Dictionnaire suisse romand*. Genève : Zoé, 1997.

REY-DEBOVE, Josette & REY, Alain. *Le nouveau Petit Robert*. Paris:ediçõesLeRobert. Reeditado anualmente, versão eletrônica utilizada: 2014.

SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi*. São Paulo:editora nova geração, 2010.

de VILLERS, Marie-Éva. *Multidictionnaire de la langue française*. Montréal: Éditions Québec Amérique, 2003.

Obras de consulta:

BAVOUX. Claude. (dir.). *Le français des dictionnaires*. Bruxelles : De Boeck/Duculot, 2008.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários. Uma introdução à lexicografia*. São Paulo:EditoraUnesp, 2003.

BOULANGER, Jean-Claude. *Lexicographie générale, notes de cours*. Québec: Université Laval/Société Dictionelinc., 1995.

COSERIU, Eugenio. “Los conceptos de ‘dialecto’, ‘nivel’ y ‘estilo de lengua’ y el sentido propio de la dialectología”. In *Lingüística española actual*. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericano, 1981.

GAUDIN, François (Org.), *La lexicographie militante*. Paris: Honoré Champion, 2013.

GLESSGEN, Martin-Dietrich & THIBAUT, André (orgs.). *La lexicographie différentielle du français*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 2005.

KRISTOL, Andres. «Une Francophonie polycentrique : lexicographie différentielle et légitimité des français régionaux». In Yan Greub, André Thibault (Orgs.) *Dialectologie et étymologie galloromanes. Mélanges en l'honneur de l'éméritat de Jean-Paul Chauveau*. Strasbourg: Editions de Linguistique et de Philologie, 2014.

STREHLER, René. «Observations sur le Dictionnaire québécois d'aujourd'hui». In *International Journal of Lexicography*. Vol. 10 number 1. Oxford: University Press, 1997.

STREHLER, René & GOROVITZ, Sabine. *Manual do RepLET*. Brasília: Thesaurus, 2011.

STREHLER, René. "O Dictionnaire suisse romande a lexicografia diferencial". In *Cadernos de Tradução*. Vol. 32, Florianópolis, UFSC, 2013.

VÖLKER, Harald. «La linguistique variationnelle et la perspective intralinguistique ». In *Revue de linguistique romane*. Tome 73, p. 27-76. Strasbourg : Société de Linguistique Romane, 2009.

WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

TRAMA

**Curso de Letras, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras
Campus de Marechal Cândido Rondon**

**Programa de Pós-Graduação em Letras Sociedade e Linguagem
Campus de Cascavel**